MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
1 de Agosto de 2017

I
União Europeia está preocupada com sanções aprovadas pelo congresso dos Estados Unidos à Rússia. Bruxelas antevê prejuízos económicos e fala em retaliação. Moscovo anunciou entretanto a retirada de centenas de diplomatas norte-americanos do país.

O Tribunal de Justiça da União Europeia já disse que não vai alterar regras de pedido de asilo. Cabe ao primeiro país de chegada de um refugiado analisar a solicitação de asilo.

E ainda nesta edição: Reino Unido anuncia fim de veículos a diesel ou gasolina até 2040.

II
Bem-vindos ao Magazine Europa.

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou um novo pacote de sanções económicas contra a Rússia. Sanções que punem o país pela alegada interferência nas eleições presidenciais norte americanas. Também pela anexação russa da Crimeia e ingerências militares na Ucrânia.
Moscovo disse que são medidas insolentes, que perdeu a paciência e anunciou já a retirada de 755 diplomatas dos Estados Unidos até dia 1 de Setembro.
Este pacote de sanções foi também recebido com inquietude pela União Europeia, que teme que as medidas penalizem interesses económicos do continente, nomeadamente no sector energético.
O projecto prevê a interdição de acesso aos bancos e mercados americanos para qualquer empresa que contribua para o desenvolvimento e manutenção dos gasodutos russos. Gasodutos, aliás, que abastecem a Europa de energia.
Caso isto vá para a frente, a União Europeia também prevê a adopção de medidas de retaliação.

Connosco, ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

ME: Victor, estas sanções podem sinalizar uma divergência na política internacional. Quais as consequências desta decisão nas relações entre a União Europeia e Estados Unidos?

VA: *Um processo de divergência e de afastamento já tinha sido iniciado em grande medida no tempo do presidente Obama, está agora numa fase de aceleração. Provavelmente nós não iremos ter*

uma guerra económica entre os EUA e a EU mas a verdade é que haverá cada vez mais interesses opostos e grandes tensões quer do ponto de vista comercial, quer do ponto de vista político. A verdade é que as sanções contra a Rússia e também em certa medida as sanções aprovadas no que diz respeito ao Irão são sanções que põem em causa o funcionamento e os interesses económicos e comerciais de grande empresas europeias e essas sanções estão a causar grande preocupação em Bruxelas, grande preocupação nas principais capitais europeias e cada vez mais há a ideia de que o relacionamento económico e político com os Estados Unidos é um relacionamento extremamente difícil, imprevisível e que provavelmente que vai continuar a ser um relacionamento de grande confusão.

ME: Notícias avançam que Donald Trump tem intenção de assinar este projecto. É o cenário mais provável?

VA: *O presidente Trump não pode vetar a nova lei. Por um lado, a nova lei foi aprovada pela maioria esmagadora da Câmara dos Representantes e do Senado. Praticamente todos os membros dessas duas instituições, do Congress, por isso, são a favor das sanções contra a Rússia. E por outro lado, o presidente dos Estados Unidos encontra-se numa situação tal no que diz respeito à sua relação com Putin e com a Rússia que ele não pode de modo algum dar a entender que é o único defensor dos interesses russos que ainda permanece nos Estados Unidos. É muito provável - mas mesmo muito provável - que o presidente dos Estados Unidos feche os olhos e assine de cruz.*

ME: Quais podem ser as consequências desta decisão. Pode aproximar a Europa de países como a Rússia ou a China?

VA: *A primeira grande consequência é na área do petróleo e do gás, porque há grandes projectos europeus com a Rússia nessas duas áreas e há grandes empresas como a Shell ou a ENI, que é uma empresa italiana de petróleos, ou a BP que estão profundamente investidas na Rússia e que com este novo regime de sanções que os americanos vão impor, estas empresas ficam fragilizadas no que diz respeito às suas operações nos Estados Unidos. As sanções irão aproximar a Rússia da Europa? Irão aproximar a Europa da China? Muito provavelmente não. A Europa, apesar de tudo, tem algumas divergências com a China. No que diz respeito ao relacionamento económico da Europa com a Rússia, continua a haver uma grande dependência de muitos países europeus em relação ao petróleo e ao gás russos. Ou seja, por um lado, existem grandes tensões entre a Europa e a Rússia do ponto de vista político, mas por outro lado, há*

uma grande interligação económica e nomeadamente no sector fundamental que é o sector de energia.

ME: Por outro lado, Vladimir Putin deverá ficar satisfeito com este esfriar das relações entre Estados Unidos e EU.

VA: *Vladimir Putin aposta sempre na divisão dos seus adversários, Aliás, é uma aposta absolutamente correcta, uma aposta que faz sentido histórico. E por um lado ele procurará sempre que haja um fosso entre Washington e Bruxelas e, por outro lado, também vai sempre tentar apostar em grande medida na divisão dentro da própria União Europeia. E por isso é que a União Europeia tem de fazer tudo para manter a coesão entre os países membros, porque seria contra os seus próprios interesses se ela se dividisse e se fizesse o jogo que Putin quer que seja feito, ou seja, de divergências, de divisões no interior da União Europeia.*

III.
A Comissão Europeia iniciou um procedimento de infracção contra a Polónia depois da aprovação pela câmara baixa do país de uma nova lei que permite ao governo de Varsóvia decidir sobre assuntos da justiça.
Bruxelas defende que a reforma mina a independência dos tribunais polacos. Deu um mês à Polónia para responder a este procedimento que pode resultar em sanções financeiras.

IV.
E o Tribunal da Justiça da União Europeia disse que não vai mudar as regras de asilo. Isto quer dizer que se mantêm as regras de Dublin. Ou seja, é o primeiro destino de chegada de um refugiado que deve analisar a solicitação de asilo. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

Cabe ao primeiro país em que refugiado chega o dever de analisar a solicitação de asilo de um refugiado. Assim decidiu o Tribunal de Justiça da União Europeia, mantendo as regras estabelecidas pelo acordo de Dublin.
O veredicto veio em resposta a um caso que remonta a 2015, quando um cidadão sírio e duas famílias afegãs entraram de forma ilegal na Croácia.
As autoridades de Zagreb transportaram os imigrantes até à fronteira, permitindo que viajassem até outras nações da União Europeia. O grupo acabou por solicitar asilo à Eslovénia e à Áustria.

Mas estes dois países decretaram que o pedido de refúgio teria de ser feito na Croácia.

A Itália já se mostrou desiludida com veredicto do Tribunal de Justiça da Europeu já que precisa de lidar com milhares de pessoas que chegam directa e diariamente ao país.
Roma espera então a revisão do regulamento de Dublin, que define que refugiados que procurem asilo devem fazê-lo no primeiro país onde chegam.

ME: Victor, tem-se procurado facilitar procedimentos, mas a justiça europeia não tem dado o braço a torcer. Que consequências pode ter esta decisão em termos de política de asilo europeia?

VA: *As regras de Dublin foram aprovadas em 1990, aprovadas num contexto político totalmente diferente. Hoje, a Europa tem um gravíssimo problema de fluxos migratórios, nomeadamente através do Mediterrâneo de pessoas vindas de África e do Médio Oriente, uma questão que não existia há 27 anos atrás, quando Dublin foi aprovado. Nós estamos hoje a tratar de uma realidade muito mais complexa, muito maior, muito mais grave, com regras que foram feitas para uma situação que era uma situação de poucos casos, uma situação que existia há muitos anos. Isto quer dizer que seria fundamental mudar as regras de Dublin e nos últimos dois anos tem havido várias tentativas, quer da Comissão Europeia, quer por exemplo do Governo alemão no sentido de alterar essas regras, mas a verdade é que esta questão da emigração é uma questão muito sensível para certos estados e esses estados não querem de modo algum alterar as regras de Dublin que foram aprovadas há tanto tempo.*

ME: Esta decisão judicial pode ser considerada também uma decisão política?

VA: *A decisão do Tribunal Europeu de Justiça foi fundamentalmente uma decisão jurídica, no sentido de que eles foram, ver quais eram os tratados que estavam em vigor na área da imigração, referiram-se ao tratado que está em vigor que é o tratado de Dublin e fizeram uma interpretação à letra do acordo entre os estados membros. Por isso, eu não creio que ao nível do tribunal Europeu de Justiça isto tenha sido uma decisão política. No entanto, a questão da imigração para os Estados membros é uma questão fundamentalmente política e para alguns estados membros é mesmo uma das preocupações mais importantes que têm que resolver neste momento. Estou a pensar por exemplo na Itália, estou a pensar na França, estou a pensar na Alemanha, na Bélgica, na Holanda. Isto são tudo países que têm gravíssimas questões internas relacionadas com a aceitação ou não de novos fluxos migratórios e, por isso, as questões da imigração e, nomeadamente a questão da repartição de quem chega à Europa pelos diferentes estados membros, é uma*

questão muito importante. Mas essa questão não está resolvida. Os Estados que se podem refugiar nas regras de Dublin continuam a refugiar-se nas regras de Dublin, Isto significa fundamentalmente que são os países do sul da Europa, nomeadamente a Itália, a Grécia e, em certa medida cada vez mais a Espanha, que têm que resolver um problema que na realidade é um problema comum e não apenas um problema desses três países.

IV.

Depois de França, foi a vez do Reino Unido anunciar que vai proibir a venda de carros a gasóleo ou gasolina, a partir de 2040.
Esta interdição é válida para carros de passageiros e de mercadorias.
A medida faz parte de um programa de combate à poluição. Para o Governo de Theresa May, este é o principal risco ambiental para a saúde pública.
O plano de protecção da qualidade do ar está avaliado em quase quatro mil milhões de euros. Inclui a criação de zonas de ar limpo e também investimentos em transportes públicos e infra-estruturas.

ME: Victor, esta é uma boa notícia que chega do Reino Unido. Foi também anunciada no início do ano por Paris. É possível que toda a União tome a mesma decisão no curto prazo?

VA: *Isto vai sobretudo acontecer ao nível das fábricas e das grandes marcas que produzem veículos, Cada vez mais nós iremos assistir a uma situação em que as grandes empresas produtoras de automóveis vão decidir passar do diesel e da gasolina, ou seja, do gasóleo e da gasolina para os carros híbridos e sobretudo e cada vez mais os carros eléctricos. Alias, a Volvo, que é uma grande empresa de marca de automóveis, diz que já vai começar a produzir carros eléctricos e híbridos a partir de 2019. E o que está a acontecer com a Volvo irá acontecer certamente com outras grandes empresas. Nós veremos, por um lado, certos governos, como o governo francês há algumas semanas e agora o governo britânico a tomar medidas em relação aos carros com motores tradicionais. Mas sobretudo o que vamos verificar é uma grande transformação na produção de automóveis. Este é um dos sectores que nos próximos dez anos vai sofrer uma revolução completamente radical.*

ME: E quais são os maiores desafios, problemas ou dificuldades desta medida?

VA: *Nós vamos assistir neste sector automóvel a uma transformação radical das condições de produção com um maior uso de robots, com menos empregos, com custos de produção mais*

baixos e, por outro lado, também com outras questões relacionadas com o desaparecimento das bombas de gasolina, o desaparecimento das oficinas de reparação automóvel, porque tudo isso vai ser completamente transformado. O abastecimento dos carros vai exigir não-bombas de gasolina mas sim pontos eléctricos que terão de ser criados e neste momento ainda não existem - apenas existem em situações absolutamente excepcionais – e, por outro, lado a autonomização das fábricas produtoras de automóveis vai significar que uma grande parte do emprego existente no sector vai desaparecer. Vamos também ter o problema das baterias e da autonomia das baterias. O problema das baterias tem várias dimensões, uma delas é que as baterias dos carros eléctricos são feitas à base de cobalto e que 60 por cento do cobalto mundial vem de um país apenas que é a Republica Democrática do Congo, vem de um país profundamente inseguro e politicamente muito instável. É, além disso, produzido numa parte do Congo onde há vários movimentos guerrilheiros. Nós iremos assistir a uma procura de cobalto enorme e, por outro lado, veremos cada vez mais que este mineral vai estar ligado aos conflitos armados.

V.
Victor Ângelo, comentador do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.
E antes de terminar, duas notas culturais:
O Museu Estatal de Auschwitz-Birkenau vai levar uma exposição itinerante a 14 cidades europeias e norte americanas
Mais de 600 objectos e pertences de vítimas ou sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz vão estar expostos ao longo de sete anos.
A primeira cidade a receber a exposição é Madrid já no final do ano.

E como estamos a partir para férias, deixamos também aqui algumas dicas musicais para este Verão. São festivais de música na Europa. **Sugestões de Jorge Vale.**

…..

É Verão, é Verão. E com calor os festivais de música multiplicam-se por toda a Europa. Há um pouco de tudo para todos os gostos.
Neste interrail musical começamos em Portugal.
Arranca amanhã o Meo Sudoeste na Zambujeira do Mar.
Destacamos a presença dos cabeças de cartaz: Chainsmokers e Mac Miller.
No dia 5 Jamiroquai e Afrojack encerram o festival onde actuam ainda os portugueses Dengaz e Orelha Negra.

Na Holanda, o festival de música de Lowlands decorre entre os dias 18 e 20 deste mês de Agosto. Uma oportunidade para curtir o som dos Mumford & Sons, Bastille, Feist, Tove Lo, Iggy Pop, Elbow, e ainda os Cypress Hill. Lembra-se dos Cypress Hill?

Em Inglaterra, o prestigiado festival de Reading acontece entre os dias 25 e 27 de Agosto. No primeiro dia, destaque para Kasabian e Two Door Cinema Club. No Segundo, sobem ao palco os Korn, Major Lazer e Eminem. No terceiro e último dia Liam Gallagher e os Muse encerram um dos mais conhecidos festivais do Reino Unido.

Finalmente descemos para a capital francesa, Paris, onde o Rock en Seine traz ao palco The XX, PJ Harvey e Franz Ferdinand nos dias 25, 26 e 27 de Agosto.

E este Verão de 2017 sem dúvida nenhuma que Europa é um destino privilegiado para todos os festivaleiros.

….

Ficaram aqui algumas dicas para este Verão quente e cheio de música.

Nós também vamos de férias. Voltamos a 12 de Setembro. Até lá.

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus + (mais).

Estamos no Facebook em Magazine Europa.